

## ***Cachaça não é água: uma análise da representação do consumo alcoólico em marchinhas carnavalescas da década de 1950***<sup>1</sup>

Frederico Augusto Ribeiro da Silva<sup>2</sup>

### **Resumo**

As expressões artísticas brasileiras constituem retratos populares dos mais diversos períodos vividos no país. A partir das marchinhas cantadas em Carnavais da década de 1950, nota-se que o estilo musical pode ser visto como um reflexo crítico de diversos aspectos da sociedade, incluindo as questões voltadas ao consumo. Portanto, considerando a importância da realização de pesquisas voltadas para a arte nacional e a relevância de estudos interdisciplinares relacionados à experiência com bebidas (assunto este estreitamente conectado à saúde coletiva), o artigo tem como objetivo analisar a representação do consumo alcoólico em cinco marchinhas carnavalescas cantadas nos anos 50 do século XX.

### **Palavras-chave**

Marchinhas; anos 50; bebidas alcoólicas; consumo.

### **Introdução**

Este artigo tem o seu início em meados do Carnaval dos anos de 1930, quando as marchinhas se consolidaram no gosto musical brasileiro. Foram nos concursos de canção carnavalesca, inicialmente promovidos pela Casa Edison<sup>3</sup> / O Cruzeiro<sup>4</sup> e, posteriormente, pela Secretaria de Turismo do Distrito Federal (como parte da comemoração oficial do Carnaval da cidade do Rio de Janeiro) que o divertido estilo musical despertou muitas paixões e tantas outras polêmicas (CABRAL, 1996).

Conforme aponta Mello (2003), nessas competições os mais diversos critérios eram adotados para selecionar a melhor. Em um sistema cheio de falhas – que poderia ser baseado em aplausos, na música mais cantada, no júri ou na votação pública - foram causadas estranhas injustiças que gradualmente foram esquecidas. Acredita-se que o exemplo principal seria o hino oficial da cidade do Rio de Janeiro, a “Cidade Maravilhosa” (de André Filho) ficou em segundo

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT) Consumo, Comunicação e Organizações, atividade integrante do XV Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas.

<sup>2</sup> Mestrando em Comunicação pelo PPGCOM/UERJ, na linha de pesquisa Cultura das Mídias. Imaginário e Cidade. E-mail: fredericoaugusto1@gmail.com.

<sup>3</sup> Primeira gravadora no Brasil e na América do Sul, fundada em 1900, por Frederico Figner, no Rio de Janeiro.

<sup>4</sup> Revista semanal ilustrada, fundada por Assis Chateaubriand, com sede na cidade do Rio de Janeiro, que iniciou sua circulação em 10 de novembro de 1928.

lugar, em 1935. Nesse ano, o júri selecionou como a melhor marchinha "Coração Ingrato" de Nássara e Frazão, que ninguém cantou nem mesmo durante o Carnaval (CABRAL, 1996).

Em paralelo ao movimento musical, as terras cariocas estavam vivendo intensas mudanças no modo de enxergar a saúde pública. Góis Junior (2003) lembra que, nesse período, um modelo de campanha centrado na imunização e no monitoramento dos hábitos de vida tomou conta do Rio de Janeiro, sendo influenciado pelo sucesso da bacteriologia europeia. Nessa perspectiva, considera-se a Reforma Pereira Passos como um marco na paisagem da cidade, realizada entre 1902 e 1906:

As mudanças realizadas durante esse período, conhecido como “bota-abaixo”, não se limitavam ao espaço físico e estrutural da cidade. Elas atingiam, também, o aspecto comportamental da população, influenciando diretamente no cotidiano e nas práticas espaciais e culturais, visando o estabelecimento de um modelo cívico-territorial. (OLIVEIRA, 2015, p. 263)

Porém, mesmo com o desejo da disciplinarização dos espaços e dos corpos, no Carnaval sempre existiu uma pequena mudança da perspectiva do poder, em que a população- de forma utópica- se tornava detentora de suas escolhas. Considera-se, então, neste trabalho, os festejos carnavalescos e os elementos que os compõem (como as marchinhas) enquanto uma possibilidade da livre expressão da sociedade, sendo acontecimentos marcados pela inversão: um “movimento numa sociedade que tem horror à mobilidade, sobretudo à mobilidade que permite trocar efetivamente de posição social.” (DAMATTA, 1984, p.53).

A libertária festa do Rei Momo<sup>5</sup>, que ainda mantém indiscutível beleza, faz com que a criatividade e força social do povo brasileiro se destaque. Mas Olinda (2006) afirma que essa é apenas uma das duas faces do evento, existindo concomitantemente outra, que contrapõe tamanho encanto. No Carnaval há uma fartura alcoólica, em que muitos aproveitam para ultrapassar os limites da consciência, colocando a saúde em risco. A situação se torna ainda mais grave pelo livre consumo de álcool por crianças e adolescentes. No ano de 2019, em Belo Horizonte, 54% dos atendimentos feitos pelo Samu (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência) se relacionavam ao abuso de bebidas alcoólicas e outras drogas por foliões de dez a quatorze anos (LOFUTO, 2019).

Cabe lembrar que o Carnaval, desde o final do século XIX, como registra Diniz (2018), vem assumindo o posto de maior festa de cunho popular do Brasil, tendo por herança o seu primo-irmão o Entrudo, festa portuguesa introduzida no Brasil na passagem dos séculos XVI

---

<sup>5</sup> Personagem originário da Mitologia Grega que se tornou um símbolo do Carnaval.

para XVII pelos colonizadores que em Pindorama<sup>6</sup> aportavam. O caráter crítico que o Entrudo tinha em expor as mazelas do poder e da sociedade foi incorporado nas marchinhas que surgem com essa popularização do Carnaval no final do século XIX.

Destaca-se, também, que a análise das marchinhas carnavalescas por meio da perspectiva do consumo de bebidas alcoólicas parte da visão acadêmica que avista a necessidade de um olhar holístico para a realidade. Mesmo quando se trata, por exemplo, da saúde coletiva é preciso entendê-la a partir de toda a complexidade envolvida (MORIN, 2003). Destaca-se, por isso, que o trabalho tem como princípio norteador a desafiadora proposta da união de dois universos vistos como distintos: arte e ciência. Neste sentido, Ferreira (2010, p.280) afirma:

[...] tanto o trabalho artístico quanto o científico são formas de expressar a criatividade, de inventar novas possibilidades, de ampliar a percepção da realidade e de conceber novas leituras do mundo. Intuição e razão, criatividade e precisão, prazer e reflexão, corpo e mente, arte e ciência, não são pares opostos, são antes dimensões complementares da existência.

Outra importante contribuição nesse campo é do filósofo francês Deleuze (1992), que entende a arte e a ciência como “asas do conhecimento” complementares. Para o autor, os caminhos artísticos geram uma conexão entre o sujeito e aquilo que lhe afeta, influenciando diretamente na sua forma de ser e existir. Este é um pressuposto fundamental neste trabalho. Salienta-se, também, o recorte temporal escolhido, sendo a década de 1950 o período em que a representação do consumo alcoólico mais ganhou destaque nas letras das marchinhas carnavalescas.

## **Anos Dourados**

Partindo da premissa que o trabalho apresenta contornos tipicamente historiográficos, se torna fundamental uma viagem mais profunda aos anos de 50 do século XX, popularmente chamado como Anos Dourados, sendo um período conhecido por diversas mudanças no cenário social mundial. No Brasil, muito é observado o processo de modernização, Lourenço Neto (2011, p.1) destaca, por exemplo, “a consolidação da indústria de bens de consumo duráveis”. Politicamente, pode ser percebida intensas modificações, começando com o retorno de Vargas à cadeira de Presidente da República.

---

<sup>6</sup> Palavra derivada do tupi pindó-rama ou pindó-retama, "terra/lugar/região das palmeiras", sendo o nome que parte da população indígena dava ao Brasil.

Logo, a pátria do início da década de 1950 refletia bem, no que tange a cultura popular, as mudanças sociais e econômicas pelas quais o país passava. O Brasil, uma nação de perfil essencialmente agrário, passava por um processo de industrialização, que veio a reboque da construção de uma indústria de base<sup>7</sup> e que, como consequência, promoveu uma grande migração de contingentes populacionais para as cidades, transformando o perfil demográfico da população no passar das próximas décadas (LIRA NETO, 2014).

Napolitano (2016) lembra que a abrangência do que se compreende como cultura, nesse processo de urbanização da população, gerou a amalgamação dos elementos ditos folclóricos com componentes imemoriais de uma cultura cada vez mais ligada ao lazer urbano das novas massas trabalhadoras. Na perspectiva da vida na cidade, se consolidava o universo da boemia, povoado pela fuga dos problemas no álcool. O cancionário do período, muitas vezes, apresentava a bebida enquanto um “remédio” para as dificuldades afetivas, como Valdivia (2014, p. 195) comenta:

A relação que existiu entre o vazio deixado pelas frustrações amorosas e a busca em preenchê-lo com bebidas alcoólicas mostra o álcool como a “solução” para o amor mal resolvido. Agiu como um anestésico para a angústia, para o medo, para a solidão, sentimentos que se tornaram insuportáveis dentro de uma sociedade divulgadora de discursos que propõem a eliminação da dor e do sofrimento.

Percebe-se, também, nesse momento, uma glamourização do álcool, algo que em menor grau ainda perdura. O que permanece com grande força e que teve o seu nascedouro nos anos de 1950, mesmo não sendo popular no período, é a TV no Brasil. Cabral (1996) registra que as primeiras estações televisivas foram inauguradas no início da década, nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. Mas o meio de comunicação, trazido ao país por Assis Chateaubriand<sup>8</sup>, foi obrigado a esperar alguns anos para atrair investimentos publicitários e, conseqüentemente, se popularizar entre os brasileiros.

Logo, entende-se que, no início da década de 1950, a população era informada e entretida pelas emissoras radiofônicas. As canções ocupavam um lugar de destaque, eram as vozes das Cantoras do Rádio<sup>9</sup> que coloriam o cotidiano brasileiro e davam vida aos mais diversos ritmos. Assim, durante o Carnaval, todos conheciam as músicas que iriam embalar a

---

<sup>7</sup> Também chamadas de indústrias de bens intermediários ou indústrias pesadas, incluem principalmente os ramos: siderúrgico, metalúrgico, petroquímico e de cimento.

<sup>8</sup> Assis Chateaubriand foi um empresário brasileiro, destacando-se como um dos homens públicos mais influentes do Brasil entre as décadas de 1940 e 1960.

<sup>9</sup> Título dado para as intérpretes que fizeram sucesso no rádio, entre as décadas de 1930 e 1960, como Ângela Maria, Emilinha Borba, Marlene e tantas outras.

festividade por meio do rádio, que se tornava, então, o veículo de divulgação e estímulo à produção carnavalesca.

Pinheiro (2005) observa que a PRE-8 Rádio Nacional do Rio de Janeiro, pelas mãos governamentais, tinha em seus equipamentos o que havia de mais moderno no mundo da radiodifusão, a equiparando com as quatro melhores rádios no mundo. A qualidade técnica, atrelada a uma programação de sucesso, a permitiu atrair os melhores anunciantes. Com o poder das apostas publicitárias, somadas com as verbas do governo federal, a liderança da Rádio Nacional era difícil de ser alcançada pelas concorrentes (BORGES, 2017).

Porém, seria um engano pensar que, com a consolidação da Rádio Nacional enquanto o principal veículo midiático brasileiro- tendo em sua equipe inúmeros maestros e músicos, cantores e rádio atrizes, locutores, programadores – foi impedida a produção de conteúdo crítico ao Governo. Marlene, por exemplo, uma das cantoras que passaram pela Nacional, não fechava os seus olhos para a realidade do país. Aragão (2012) recorda que a artista afirmava que gostava de falar do povo e, na década de 1950, deu voz às mazelas brasileiras em inúmeras canções.

É fundamental destacar que, nessa década, além da volta de Getúlio ao poder, o Presidente também sairia da *vida para entrar na História*<sup>10</sup>. O *sorriso do velhinho*<sup>11</sup> estava sendo constantemente manchado pela oposição e a alegria, ritmada pelo Carnaval, não caminhava mais pelos jardins do Catete<sup>12</sup>. A crise cresceu e, no cinzento agosto de 1954, Vargas se despediu de forma trágica da Presidência. Um verdadeiro bloco humano acompanhou o cortejo de despedida do gaúcho Presidente (LIRA NETO, 2014). Não havia marchinha, o ritmo era ditado pela marcha fúnebre, que conduzia os tantos apaixonados pelo líder populista.

A morte de Getúlio modificou o cenário político brasileiro, abrindo espaços para novos nomes, como Juscelino Kubitschek. Segundo Hochman (2009), o político mineiro- formado enquanto médico -identificava o Brasil como um país que estava “doente” e que precisava ser recuperado pela medicina. Porém, para além disso, a imagem de Kubitschek ficou fortemente conectada à transferência da capital brasileira para Brasília, marcando, assim, a década de 1950 como o período em que a cidade do Rio de Janeiro viveu seus últimos momentos como centro político da nação.

---

<sup>10</sup> Trecho final da Carta Testamento de Getúlio Vargas, escrita em 23 de agosto de 1954.

<sup>11</sup> Referência à canção “Retrato do Velho”, de Haroldo Lobo e Marino Pinto.

<sup>12</sup> Bairro da zona sul da cidade do Rio de Janeiro, em que ficava localizado a sede da Presidência da República, abrigando um prédio de arquitetura neoclássica brasileira e um singular jardim.

Mas, mesmo que atualmente há quem saiba declamar a Carta Testamento de Getúlio Vargas, aqueles que ainda lembram dos momentos que envolveram a transferência governamental para Brasília, o número de pessoas que cantam as marchinhas carnavalescas da década de 1950 é incontavelmente maior. Dos Anos Dourados, percebe-se que ficou registrado na memória coletiva, especialmente, a alegria dos festejos carnavalescos.

### Metodologia e delimitação do objeto de estudo

Para a concretização do estudo foi feita uma vasta pesquisa sonora na busca de composições carnavalescas do estilo “marchinha” que apresentassem aspectos relacionados ao consumo de bebidas alcoólicas. A partir desse levantamento inicial foram selecionadas cinco canções. Destaca-se que, na seleção, foi considerado o ano do Carnaval em que a música foi lançada, sendo todas populares nas respectivas datas do festejo e, portanto, fortemente cantadas pela população.

**Quadro 1: o *corpus* da pesquisa**

Marchinhas	Intérprete	Autores	Ano
Cachaça	Carmem Costa e Colé	Lúcio de Castro, Heber Lobato, Marinósio Filho, Mirabeau.	Carnaval de 1953
Saca-rolha	Zé e Zilda	Zé da Zilda, Zilda do Zé e Valdir Machado.	Carnaval de 1953
Ressaca	Zé e Zilda	Zé da Zilda e Zilda do Zé.	Carnaval de 1955
Tem nego bebo aí	Carmem Costa	Mirabeau e Airton Amorim.	Carnaval de 1955
Turma do Funil	Vocalistas Tropicais	Mirabeau, Milton Oliveira e Urgel Castro.	Carnaval de 1956

Fonte: Elaboração própria

O *corpus* da pesquisa constitui-se, então, em cinco marchinhas carnavalescas cantadas na década de 1950. Optou-se pela abordagem qualitativa na busca da melhor compreensão do conteúdo, considerando o contexto político-social envolvido. Escolheu-se, também, quanto aos meios de investigação, dois procedimentos: pesquisa bibliográfica e pesquisa documental. Quanto à metodologia utilizada nesta investigação, foi escolhido o caráter exploratório e descritivo. No entanto, para a análise das canções, foram definidos procedimentos típicos da análise de discurso (AD) proposta por Maingueneau (2002).

## **As marchinhas carnavalescas e o consumo alcoólico**

Conforme apresentado na seção anterior voltada à metodologia do estudo, o conteúdo analisado refere-se a cinco marchinhas que foram cantadas em carnavais da década de 1950 e que apresentam imagens relacionadas ao consumo alcoólico. Seguindo uma ordem cronológica, começa-se pela composição de Mirabeau Pinheiro, Lúcio de Castro e Heber Lobato, que juntos escreveram a marchinha “Cachaça”, em 1953.

Destaca-se que até hoje há incertezas quanto aos verdadeiros autores da marchinha carnavalesca, o que pode ser observado, de fato, logo ao início, é a seguinte afirmação: *“Você pensa que cachaça é água? /Cachaça não é água não [...]”*. O trecho se caracteriza como um conselho, mas, logo em seguida, é contraposto pela ideia que: *“[...] pode me faltar tudo na vida/ Arroz, feijão e pão/ Pode me faltar manteiga/ E tudo mais não faz falta não [...] Só não quero que me falte/ A danada da cachaça [...]”*. Os autores usam itens básicos da alimentação brasileira para afirmar a importância da cachaça, flertar-se, então, com os excessos, apresentando, mesmo que bem humoradamente, aspectos da dependência alcoólica.

Sucesso no Carnaval seguinte, 1954, a canção “Saca-rolha”, de autoria de Zé da Zilda e Zilda do Zé, com Waldir Machado, pode ser interpretada como uma composição de clara apologia ao consumo alcoólico. Em seu início, já pode ser encontrado um relato voltado à demasia: *“[...] Garrafa cheia eu não quero ver sobrar /Eu passo mão na saca, saca, saca rolha /E bebo até me afogar[...]”*. Destaca-se, também, a sugestão de uma prisão por embriaguez: *“[...] se a polícia por isso me prender[...]”*, cabe lembrar que o cárcere de um folião somente por estar bêbado é ilegal, mas, sem entrar em qualquer debate direcionado ao direito penal, percebe-se, por meio da canção, a repressão policial.

No Carnaval de 1955, o casal Zé da Zilda e Zilda do Zé seguiu o caminho em direção ao sucesso (como no ano anterior, com a marchinha “Saca-rolha”), criando “Ressaca”. Curiosamente, o discurso muda drasticamente, nesse momento, os autores focam no aspecto negativo do consumo alcoólico, entoando um dos seus principais efeitos: a ressaca. Na canção, a dupla diz que todos deveriam ir para a casa e personifica a bebida, a colocando como uma inimiga: *“[...] sei que você gosta muito dela /Mas é bom que não esqueça: / Ela não é amiga / Desce pra barriga / Depois sobe pra cabeça [...]”*.

Em 1955, também se popularizou a marchinha “Tem nego bebo aí” na voz de Carmem Costa, sendo um dos grandes sucessos do Carnaval daquele ano. Albin (2006) afirma que a



canção foi escolhida, no Teatro João Caetano<sup>13</sup>, por meio do voto de um júri, como uma das dez mais populares. A personagem da canção afirma que diferentes fatos gerariam a insinuação do consumo alcoólico: “*Foi numa casca de banana que pisei, pisei /Escorreguei, quase caí / Mas a turma lá de trás gritou: Chi! /Tem nego bebo aí. [...]*”. A bebida, na música, está conectada à momentos de deslizos, relacionando o álcool ao erro.

A “Turma do Funil”, popularizada em 1956 (escrita por Mirabeau, Milton Oliveira e Urgel de Castro), gravada pelo grupo cearense Vocalistas Tropicais e, posteriormente, por Chico Buarque, Tom Jobim e Miúcha (na década de 1980), também apresenta como principal temática o consumo alcoólico. Vale lembrar que a expressão que compõe o título seria um apelido para os grupos que bebiam muito. Na música, aspectos interessantes surgem, como: “[...] nós é que bebemos e eles que ficam tontos[...]”. Neste trecho, é destacado um dos efeitos colaterais do álcool, a tontura, mas os autores afirmam que ele é ocasionado, na verdade, naqueles que não bebem.

Ainda analisando a canção, observa-se a falta de responsabilidade coletiva: “[...] eu bebo sem compromisso /Com meu dinheiro, ninguém tem nada com isso [...]”. A personagem afirma, nesse trecho, que está pagando pela bebida e, por consequência, está acima de qualquer comentário. Mas é importante lembrar que evidencia, também, a sua intenção em continuar com o consumo alcoólico mesmo que apareça alguém para ajudá-la. Recorda-se, por isso, a argumentação feita por Olinda (2006), para a autora os danos alcoólicos não são apenas individuais e podem gerar estragos de ordem coletiva, como os acidentes de trânsito.

Após entender aspectos gerais das músicas trabalhadas, cabe, portanto, um olhar mais abrangente. Observa-se que, ao longo das cinco canções, as palavras mais encontradas foram: não (citada quinze vezes), água (citada treze vezes), cachaça (citada dez vezes), saca (citada nove vezes) e ninguém (citada nove vezes). Destaca-se que o substantivo mais achado tem como significado a negação enfática; recusa. E a água, considerada o mais saudável dos líquidos, é mais mencionada que a cachaça (substância que tematiza boa parte das canções estudadas). Por esse motivo, uma nuvem de palavras foi criada (no formato de uma embalagem de aguardente), sendo destacadas as expressões que mais foram descobertas nas canções:

---

<sup>13</sup> Considerado como o mais antigo teatro da cidade do Rio de Janeiro, ficando localizado na Praça Tiradentes.



**Figura 1: nuvem de palavras**



Fonte: Elaboração própria

Os curiosos dados mostram a impossibilidade da produção de uma análise da representação do consumo alcoólico por meio de palavras retiradas dos contextos apresentados nas marchinhas carnavalescas. Cabe, ainda, destacar o conceito de representação, palavra presente em todo o trabalho. De acordo Minayo (1995, p. 108) são: “imagens construídas sobre o real” criadas a partir da coletividade, se diferenciando das individuais, que estão atreladas à consciência pessoal.

Partindo, então, de um olhar estritamente qualitativo, seguindo por alguns trajetos propostos por Maingueneau (2002) e do entendimento que as representações se constroem por meio do coletivo, percebe-se que as canções analisadas apresentam visões populares que estreitam o elo entre o festejo carnavalesco e as bebidas alcoólicas, algo que ainda se apresenta enquanto um problema, como Lofuto (2019) anteriormente destacou.

Torna-se perceptível que as composições analisadas sempre apresentam visões individualistas ao tratar a temática, seja pelo posicionamento favorável ou adverso ao consumo. Salienta-se que todas as canções apresentam trechos em primeira pessoa, sendo essa uma pista para algo mais amplo: é ignorado o efeito do consumo alcoólico pela perspectiva da coletividade. Mas, cabe lembrar que quando se trata dos aspectos voltados à bebida, o coletivo

e o individual se misturam. Para além dos danos no corpo e mente, são diversos os agravos que a sociedade também pode ter.

Assim, retorna-se à Ferreira (2010) ao observar que, desde o século XIX, a arte (aqui representada pela música) e a ciência (aqui representada pelos aspectos voltados à saúde) foram enxergadas como universos que se diferem, mas seguindo a visão proposta pelo autor e a partir do percurso analítico é possível considerar que, mesmo com um olhar reduzido ao indivíduo, as marchinhas carnavalescas escolhidas para este trabalho apresentam caros aspectos nos debates voltados à saúde coletiva.

As canções destacam, por exemplo, os efeitos do álcool no organismo humano. Evidentemente, as composições carnavalescas estudadas não apresentam uma profunda discussão ao tratar a temática, porém, mesmo não objetivadas por isso, podem ser pinçados trechos que apresentam aspectos sobre a ressaca (mal-estar após a ingestão excessiva de álcool, que inclui: fadiga, sede e dor de cabeça), a tontura (o álcool ocasiona a redução da capacidade motora e do equilíbrio) e a dependência (sendo considerada doença pela Organização Mundial da Saúde<sup>14</sup>).

Cabe destacar que isto, dentro da sonoridade alegre das canções, muitas vezes, passa despercebido. Compostas em escala maior e com diversas repetições, as marchinhas carnavalescas geram um tom festivo, sendo, portanto, um fator que precisa ser levado em conta durante a análise. Logo, mesmo tratando temáticas como a ressaca, a construção rítmica perpassa pela alegria, constituindo-se como trilha-sonora de um evento em que os participantes também devem estar felizes (DAMATTA, 1986). Com isso, percebe-se que ainda que as mensagens não sejam favoráveis ao consumo alcoólico, dentro do contexto em que as marchinhas são apresentadas, as letras podem ser interpretadas como jocosas.

Outro importante e curioso dado que merece espaço nesta análise é a grande quantidade de marchinhas voltadas ao consumo alcoólico, superando aquelas que foram escritas, por exemplo, sobre Getúlio Vargas na década de 1950. Nota-se, também, que para além do compasso festivo, dentro das canções analisadas há diversos aspectos que podem ser trabalhados em novos ambientes, como as instituições de ensinos. Ao explorar os trechos das músicas (não sendo possível apresentá-las integralmente no artigo) entende-se o rico conteúdo

---

<sup>14</sup> A dependência de álcool (alcoolicismo) é uma doença crônica, sendo definida pela 10ª edição da Classificação Internacional de Doenças (CID-10), da Organização Mundial da Saúde (OMS), como uma série de eventos comportamentais e fenômenos fisiológicos ocasionados após o uso repetido de álcool.

que elas fornecem, apontando, assim, o mérito de enxergá-las pela ótica da experiência alcoólica.

### **Considerações Finais**

Reafirma-se, então, a importância dos caminhos pelos quais a pesquisa passou. Do ponto de vista histórico, nota-se que as marchinhas carnavalescas se apresentam como um retrato dos mais diversos aspectos da vida brasileira, especialmente, a carioca: é uma crônica popular que aponta mentalidades, costumes e desejos da população, tendo sempre como irrefutável princípio a irreverência. Porém a malícia e o tom jocoso presente neste satírico estilo musical, muitas vezes, o afastou do campo acadêmico e das discussões de maior seriedade, mas deu voz aos mais diversos pensamentos do povo, que foram popularizados pelas ondas radiofônicas.

Destaca-se, portanto, que a força comunicativa da PRE-8 Rádio Nacional do Rio de Janeiro facilitava a propagação das manifestações artísticas do país. Foi por meio da Nacional que as marchinhas ganharam especial destaque na vida dos brasileiros e na carreira de muitos artistas da época, possibilitando que intérpretes, como Marlene, conquistassem o título de “cantora carnavalesca”. É interessante observar e salientar, com isso, que foi pela influência de um veículo comunicacional estatal, pensado para influir e controlar o lazer das massas populares, que se difundiu um estilo musical “politicamente incorreto”.

Neste aspecto, as marchinhas podem fornecer duas perspectivas. Uma delas é o olhar extremamente crítico. Por mais que naquele período histórico fosse admissível a celebração de uma maneira, muitas vezes, ingênua das bebidas alcoólicas (em especial a cachaça), hoje existe esclarecimento suficiente para saber seus males à saúde. O divertido ritmo poderia ser acusado, por isso, de ser uma fonte promocional do uso de álcool, especialmente, nos festejos de Carnaval.

Caberia, então, o “cancelamento” das marchinhas? Acredita-se, neste trabalho, que esse não seria o melhor caminho. A discussão não merece uma radicalização para qualquer lado, impedindo, assim, maiores reflexões. A análise das canções, por exemplo, fornece dados que podem alimentar fundamentais debates direcionados à compreensão de mentalidades voltadas ao consumo alcoólico e, por meio das músicas, se torna possível conhecer ébrias vozes que ainda ecoam pelo Brasil, gerando a possibilidade de contrapô-las com novos discursos.

Além do mais, a leveza e a brincadeira- que são a essência do Carnaval -podem ser artifícios eficazes para alcançar os mais diversos públicos. Com isso, partindo do pressuposto da importância da conscientização a respeito das bebidas alcoólicas e percebendo que há trechos das marchinhas que mostram os malefícios do seu uso constante (apontando, por exemplo, aspectos voltados ao vício), olhares mais atentos poderiam se utilizar da popularidade das clássicas canções para conscientizar e alertar sobre o consumo alcoólico, principalmente, nos períodos carnavalescos.

Por fim, espera-se que este trabalho seja um objeto inspiracional e vislumbra-se outros estudos, investigações que se dediquem as marchinhas de Carnaval em diferentes cenários, utilizando novas temáticas, à exemplo, os aspectos que podem ser considerados homofóbicos, sexistas, racistas e que, eventualmente, são encontrados ao longo das tantas décadas desse estilo musical. Todas as reflexões na área geram a possibilidade do debate em torno dos significados dos festejos carnavalescos e desse ritmo que merece múltiplos olhares acadêmicos, por suas sátiras, questionamentos e, especialmente, por ainda reunir, anualmente, *corações de norte a sul*<sup>15</sup>.

### Referências:

ALBIN, R. C. *Dicionário Houaiss Ilustrado Música Popular Brasileira*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, Instituto Cultural Cravo Albin e Editora Aracatu, 2006.

ARAGÃO, D. *Marlene*. A Incomparável. São Paulo: Imprensa Oficial do Governo do Estado de São Paulo, 2012.

BORGES, P. G. *Cantoras do Rádio e Mulheres* – Um estudo sobre representações femininas no Brasil da década de 1950. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2017.

CABRAL, S. *MPB na Era do Rádio*. Rio de Janeiro: Editora Moderna, 1996.

DAMATTA, R. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DELEUZE, G. *O que é a filosofia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DINIZ, A. *Almanaque do Carnaval: a história do Carnaval, o que ouvir, o que ler, onde ouvir*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

FERREIRA, F. R. *Ciência e arte: investigações sobre identidades, diferenças e diálogos*. Educação e Pesquisa, v. 36, n. 1, p. 261-280, 2010.

GOIS JUNIOR, E. *Higienismo e positivismo no Brasil: unidos e separados nas campanhas sanitárias (1900 - 1930)*. Dialogia. São Paulo, v.2, p. 21-32, out. 2003.

---

<sup>15</sup> Referência à marchinha carnavalesca “Cantoras do Rádio”, de Lamartine Babo.

HOCHMAN, G. “*O Brasil não é só doença*”: o programa de saúde pública de Juscelino Kubitschek. História, Ciências, Saúde – Manguinhos. Rio de Janeiro, v. 16, supl. 1, p. 313-331, jul. 2009.

LIRA NETO. *Getúlio. Da volta pela consagração popular ao suicídio (1945 - 1954)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

LOFUTO, J. P. “Carnaval facilita consumo de álcool e drogas por crianças e adolescentes”. *Jornal USP*, São Paulo, 19 mar. 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/carnaval-facilita-consumo-de-alcool-e-drogas-por-criancas-e-adolescentes/>. Acesso em: 17 mar. 2021.

LOURENÇO NETO, S. *Modernização, crise e protesto popular: a questão do abastecimento nos anos 50*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, 2011.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2002.

MELLO, Z. H. de. *A era dos Festivais: Uma parábola*. São Paulo: Editora 34, 2003.

MINAYO, M. C. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1995.

MORIN, E. A necessidade de um pensamento complexo. In: MENDES, C. (org). *Representação e complexidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

NAPOLITANO, M. *Cultura brasileira: Utopia e massificação (1950 -1980)*. São Paulo: Contexto, 2006.

OLINDA, Q. B. *As duas faces do Carnaval*. Revista Brasileira em Promoção da Saúde, v.19, n. 1, p. 3-4, 2006.

OLIVEIRA, M. P. *Cidade e reformas urbanísticas no Rio de Janeiro: a Reforma Pereira Passos (1902-1906)*. Anais do XI Encontro Nacional da ENANPEGE. Presidente Prudente, SP, 2015.

PINHEIRO, C. *A Rádio Nacional: alguns dos momentos que contribuíram para o sucesso da Rádio Nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

VALDÍVIA, M B. A felicidade infeliz de Maysa Matarazzo em tempos do American Way of Life: Reflexões sobre a boemia paulistana nos anos 50. *Cordis*. Mulheres na história, São Paulo, n. 12, p. 185-226, jan./jun. 2014.